

A MORTE HEROICA: REMANESCÊNCIA MÍTICA GREGA N'A CANÇÃO DE ROLANDO

Aniely Walesca Oliveira Santiago¹
Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar representações da morte n'A *Canção de Rolando* (*La Chanson de Roland*), do século XI. Para esse estudo será utilizado como eixo conceitual a Teoria da Residualidade, estruturada por Roberto Pontes (2006), instrumento importante para a análise e compreensão literária dos resíduos do imaginário da bela morte presente nas obras. Na discussão a respeito do conceito de morte na Idade Média, tomaremos como base os estudos de Michel Vovelle (1996) e Phillippe Ariès (2017), entre outros.

PALAVRAS- CHAVE: Bela Morte; Herói; Cultura Medieval; Residualidade; Remanescência; Canção de Rolando.

RÉSUMÉ: L'objectif de cet article est analyser les représentations de la mort dans *La Chanson de Roland*, ou XIe siècle. Pour cette étude, on utilisera comme axe conceptuel la Théorie de la Résidualité, structurée par Roberto Pontes (s\d), un instrument important pour l'analyse et la compréhension littéraire des résidus de l'imaginaire de la belle mort présents dans les œuvres. Dans la discussion sur le concept de mort au Moyen Âge, nous soutenons les études sur Michel Vovelle (1996), Phillippe Ariès (2017), entre autres.

MOTS-CLÉS: Belle Mort; Héros; Culture du Moyen Âge; Résidualité; Rémanece; La Chanson de Roland.

Introdução

Versar sobre o tema da morte é debruçar-se sobre o transcendental, as profundezas do homem em toda a sua esfera social, psicológica, cultural e espiritual. Considerada um dos primeiros mistérios da humanidade, a morte induziu o homem a investigar outros mistérios relacionados à sua existência, sua relação entre o efêmero e o eterno e a transição do humano para o divino. Na Idade Média a morte era considerada como algo comum, familiar, tratada com naturalidade, sem grandes pesares, talvez porque aquela sociedade convivia em meio a constantes guerras, assolada pela peste, más condições de higiene, alimentação precária, moradia insalubre, entre outros fatores. Todos esses elementos podem ter contribuído para que se convivesse de uma forma mais direta com a morte.

Em meados do século XV passa-se a questionar a salvação e a imortalidade. Diante desses questionamentos surgem o individualismo e o medo do além, mudando a concepção de morte. O

¹ Mestranda do Programa de Pós- graduação em Letras na Universidade Federal da Paraíba na linha de pesquisa em Estudo Medievais.

² Professora doutora da Pós- graduação em Letras na Universidade Federal da Paraíba. Coordenadora do Grupo Christine de Pizan (CNPq). Sócia da Associação Brasileira de Estudos Medievais.

que antes era considerado comum e familiar passa a ser encarado com grande temor e repulsa. Cria-se um tabu relativo à morte.

Para o referido artigo iremos analisar algumas representações da morte presentes n'A *Canção de Rolando*, fundamentadas nas teorias de Michel Vovelle (1996) e Phillipe Ariès (2017). Ademais, iremos analisar as remanescências do imaginário da bela morte, tomando como pressuposto a teoria defendida por Jean- Pierre Vernant, na qual o autor faz um estudo da morte dos personagens da *Ilíada*, Aquiles e Heitor.

A Teoria da Residualidade estruturada por Roberto Pontes (2006) tem como finalidade destacar e desenvolver as remanescências do modo de pensar e agir de um determinado grupo social em um período de tempo específico encontrados em outro grupo social de tempo distinto. A literatura é a principal fonte de estudo para essa teoria. Diante disso, investigaremos possíveis relações residuais da concepção de morte na Grécia antiga, presente na *Ilíada* e no universo medieval d'A *Canção de Rolando*.

1. A Morte na Idade Média e suas Representações n'A *Canção de Rolando*

O período medieval foi marcado por enorme sentimento de religiosidade, misticismo, sobrenatural e simbolismo. O que não se tinha conhecimento e explicação natural, normalmente era explicado através do sobrenatural, fenômeno bastante presente na sociedade daquela época. Ao mesmo tempo em que o homem sofria com o desequilíbrio e a precariedade, mantinha uma harmonia proporcionada pela fé. Pairava então um espírito de coletividade e a morte era concebida como um evento coletivo, público e familiar, diferente da moderna concepção individualista que dela temos.

O conceito da morte cristã propagada no inconsciente coletivo era defendido como algo natural, necessário, porém esse acontecimento não era considerado o fim, pelo contrário, era o começo de uma nova vida que na maioria das vezes poderia ser até melhor do que a vida terrena, era a vida eterna, fundamentada na convicção da ressurreição. Segundo Le Goff (2016), a morte era compreendida como uma transição do mundo terreno para o mundo espiritual, do efêmero para o eterno.

Para Rodrigues, a morte “igualada a todos, ricos e pobres, homens e mulheres. Para além dela, o Além: ele é um mistério, uma incerteza, um tabu” (1983, p. 17). O conceito de morte se transformou ao longo do tempo. O homem medieval era dotado de uma boa imaginação e uma obsessão pelo pecado e o inferno, vivia-se um combate contra o Diabo e uma luta pela salvação da alma. Acreditar ou não na vida após a morte contribuiu para uma possível mudança no

comportamento social. Na Idade Média muito se imaginou sobre as possíveis possibilidades do que seria o Além, na concepção de céu e inferno. A preocupação maior não era a morte em si, mas o destino e a salvação da alma.

Considerada a primeira obra de relevo da literatura francesa, *A Canção de Rolando* é uma canção de gesta medieval, escrita em meados do século XI. A obra narra a batalha de Roncesvalles travada entre o exército francês, comandado pelo Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França e o exército mulçumano liderado pelo Rei Marsílio e seus pares. Segundo Köhler (1963), do senhor feudal ao povo, todos entendiam a canção de gesta da mesma forma, havia uma unicidade na compreensão e interpretação dos fatos.

Quando pensamos em cavaleiros, campos de batalha, combates e guerras, a temática da morte é uma constante. Os cavaleiros estabeleciam uma relação íntima com a morte, pois ela estava presente intrinsecamente em seus dias, era esperada em cada batalha e desejada por muitos guerreiros. Ao iniciarmos a leitura de *A Canção de Rolando* percebemos através dos discursos dos personagens toda uma preocupação com a morte e o Além:

(...) E o arcebispo lhes diz todo o seu pensamento: “Senhores barões, nada de temores covardes! Em nome de Deus não fugi, para que nenhum valente cante canções maldosas sobre nós. Mais vale, e de muito, morrer lutando. Está claro que vamos encontrar nosso fim aqui mesmo; depois deste dia, não estaremos mais vivos. Mas posso garantir-vos uma coisa, que o santo paraíso vos espera e que ireis vos sentar entre os Inocentes!” Ante estas palavras os Franceses se sentem tão reconfortados que todos gritam: “Monjoie!”³(A CANÇÃO, 1988, versos 1511 -1525).

O homem do medievo tinha uma grande inquietação com o modo pelo qual estava agindo na vida terrena. A preocupação com o pós-morte ocupava um lugar importante no cotidiano da sociedade medieval e a forma como se vivia era considerada de extrema importância na hora do Juízo Final. Para os cavaleiros, morrer lutando em campo de batalha, defendendo seus ideais, sua pátria e sua fé, lhes concedia um lugar no paraíso entre os inocentes. Essa certeza do destino de suas almas, de acordo com as boas ações que fizeram durante suas vidas terrenas, é o que move suas forças para combater o inimigo.

³ Vers 1511-1525 ...Et l'archevêque leur dit toute as pensée. « Seigneurs barons, pas de lâches craintes !Au nom de Dieu, n'allez point fuir, afinque nul vaillant ne chante sur nous de mauvaises chansons. Mieux vaut,et de beaucoup, mourir en combattant. Il est bien certain qu'ici même nous allons trouver notre fin ;ce jour passé, nous ne serons plus en vie. Mais je puis vous être garant d'une chose, c'est que le saint paradis vous attend, et que vous irez vous asseoir parmi les Innocents ! » A ces mots, les Français setent un tel réconfort qu'ils se mettent tous à crier : « Monjoie ! » (LA CHANSON, 1972).

A morte é percebida como um rito de passagem do plano físico e efêmero para o plano espiritual transcendental, é um fenômeno universal comum a todos os homens sem distinção. Segundo Le Goff: “Essa ideia do Além é influenciada pelas heranças vindas do paganismo greco-romano, das religiões e das crenças orientais, do Antigo Testamento e do judaísmo, porém é fundamentado, sobretudo nos Evangelhos e no Novo Testamento” (2006, p.21).

Existe um lugar no Além para os homens “bons” e os “maus”. Logo após a ressurreição, quando ocorrer o Juízo Final, os “bons” serão destinados a viver eternamente no Paraíso e os “maus” serão condenados a permanecer no Inferno. O destino de cada alma dependerá do comportamento mantido na vida terrena.

Sobre esse campo de batalha de vida ou morte que é o mundo o homem tem por aliados Deus, a virgem, os santos, os anjos e a igreja e sobre tudo, a sua fé e suas virtudes; mas têm também inimigos: Satã, os demônios, os heréticos e, sobretudo, seus vícios e a vulnerabilidade advinda do Pecado Original. A presença do Além deve ser sempre consciente e viva para o cristão, pois arriscar a salvação a cada instante de sua existência, e mesmo se ele não está consciente, esse combate por sua alma é travado sem trégua aqui embaixo. (LE GOFF, 2002. p. 22).

No ensaio *A História dos homens no espelho da morte*, presente no livro *A morte na Idade Média* (1996), de Herman Braet e Werner Verbeke, Michel Vovelle apresenta três tipos de manifestação da morte que diferem em seus conceitos, mas que são complementares entre si. A *morte sofrida* corresponde ao fato concreto da morte levando em consideração a realidade sócio-histórica em que ela ocorre; a *morte vivida* refere-se às práticas ritualísticas do homem em relação ao fenômeno da morte, associando seus sistemas sociais e psíquicos, e por fim, o *discurso da morte*, que é o discurso coletivo inconsciente, como a repetição de gestos e a expressão de angústia, do luto, e os discursos organizados sobre a morte que evoluíram com o tempo.

De acordo com as classificações propostas por Michel Vovelle, constatamos a presença da morte sofrida, n’*A Canção de Rolando*, por meio de diálogos entre os personagens, como podemos observar no trecho seguinte:

Olivier diz: “Vi os pagãos; jamais na terra se viu em maior quantidade. São cem mil diante de nós, com escudos, elmos presos e alvas cotas de malhas, dardos firmes, brilhantes lanças brunidas! Tereis uma batalha como jamais houve. Senhores Franceses, que Deus vos dê força: sede firmes no combate, para que não sejamos vencidos!” Os Franceses dizem: “Maldito seja quem fugir! Se for preciso morrer, nenhum de nós faltará⁴!” (A CANÇÃO, 1988, versos 1039-1048).

⁴ Vers 1039-1048 Olivier dit: « j’ai vu les païens ; jamais homme sur terre n’en vit davantage. Ils sont cent mille devant nous, avec des écus, des heaumes lacés et de blancs hauberts, les lances droites, de bruns épieux luisants ! Vous aurez bataille telle qu’il n’y en eut jamais. Seigneurs français, que Dieu vous donne sa force : tenez ferme dans le combat,

O personagem Olivier constata que o exército dos pagãos está em vantagem e com um grande número de guerreiros totalmente armados. Porém, ele roga a Deus que lhes dê forças para realizarem uma exitosa batalha e serem vencedores. Seguindo o manual de um exemplar cavaleiro, em nenhum momento se deve temer a morte nem a guerra; se for para morrer nenhum guerreiro fraquejará, deve-se manter a honra até os últimos suspiros.

Podemos demonstrar um exemplo da morte vivida, em que estão relacionadas as práticas ritualísticas do homem associadas a elementos psíquicos e sociais, com a presença do discurso da morte por meio de gestos e toda expressão de angústia:

Olivier sente que a morte o angustia muito. Os dois olhos giram na cabeça, ele perde inteiramente a audição e a vista; desce da montaria, deita-se no chão. Firmemente, em voz alta, confessa os pecados. Para o céu levantou as duas mãos juntas e pede a Deus que lhe dê o Paraíso, que abençoe Carlos e a Doce França e, acima de todos os homens, seu companheiro Rolando. Seu coração desfalece, o elmo cai, todo o seu corpo se prostra contra a terra. O conde morreu, ele não pôde prolongar a vida. Rolando o bravo chora-o e se aflige; jamais sobre a terra ouvireis um homem mais sofredor⁵. (A CANÇÃO, 1988, versos 2010 - 2023).

Mais uma vez podemos afirmar que os cavaleiros medievais não temiam a morte, mas a encaravam sem vacilar, sem fugir. Em algumas ocasiões a chegada dela era esperada, principalmente em campo de batalha defendendo a pátria, a fé e o rei. Eles almejavam dessa forma uma morte gloriosa, a imortalidade e a fama universal que apenas um verdadeiro e corajoso herói poderia ter.

Em *A história da morte no Ocidente* (1977), de Phillipe Ariès, o autor apresenta algumas atitudes humanas diante da morte, por exemplo: a *morte domada*, espera natural desta, representação do imaginário medieval presente no cotidiano, concebida de modo coletivo; a *morte de si mesmo*, datada entre os séculos XIV-XV, corresponde a uma individualização da morte e o reconhecimento do homem de si mesmo, ou seja, um autoreconhecimento; a *morte do outro*, entre os séculos XVI-XVIII corresponde à visão da morte como cruel e dolorosa, ocorre uma mudança nas relações familiares que se enchem de afeto e sentimento com traços do romantismo. A *morte interdita*, a morte do século XX, apresenta mudanças extremas, ao moribundo é ocultada a real

que nous ne soyons pas vaincus ! » Les Français disent ! « Honni soit qui fuira ! S'il faut mourir, pas un ne vous manquera. » (LA CHANSON, 1972).

⁵ Vers 2010-2023 Olivier sent que la mort l'angoisse beaucoup. Les deux yeux lui tournent dans la tête, il perd l'ouïe et la vue entièrement ;il quitte sa monture, s'étend à terre. Fermement, à haute voix, il dit sa coulpe. Vers le ciel, il a élevé ses deux mains jointes, et il prie Dieu de lui donner le paradis, de bénir Charles et la douce France et, par-dessus tous les hommes, son compagnon Roland. Le coeur lui manque, le heaume retombe, tout son corps s'affaise contre terre. Le comte est mort, il n'a pu prolonger son séjour. Roland le preux le pleure et s'afflige ; jamais sur terre vous n'entendrez homme plus douloureux. (LA CHANSON, 1072,)

gravidade de seu estado e de sua enfermidade. O leito de morte, que normalmente era em casa, é substituído pelo hospital. Tem-se cada vez mais repugnância da morte e é formado um Tabu diante dela através do hedonismo moderno em que prevalece a obsessão por estar sempre bem e feliz.

Dentre os tipos de atitudes diante da morte apresentados por Ariès, no referido estudo iremos destacar a *morte domada*, por ser considerada típica da Idade Média, dos cavaleiros de gestas e dos romances medievais. Corresponde ao modelo de morte advertida, percebida com naturalidade, avisada por signos naturais, ou ainda com maior frequência, por uma convicção íntima em que há gestos e rituais propagados pelos antigos costumes que devem ser realizados quando se vai morrer. Essa percepção de morte perdurou entre as civilizações cristãs do Ocidente e os indivíduos se preparavam de acordo com as liturgias. Os cuidados com o corpo e com o moribundo eram de responsabilidade coletiva, dos familiares e de entes queridos. (ARIÈS, 2017, p.31-46). No trecho abaixo, d'A *Canção de Rolando*, é possível verificar o exemplo de morte advertida através dos fenômenos da natureza, no momento em que os anjos percebem a morte de Rolando.

Mas na França há uma tormenta maravilhosa, tempestade de trovoada e vento, chuva e granizo em excesso, o raio cai a intervalos curtos e repetidos e, com toda certeza, a terra treme, de São Miguel do Perigo até Saints, de Besançon até o porto de Wissant. Não há uma só casa cujos muros não se partam. Em pleno meio-dia, surgem grandes trevas. Nenhuma claridade, só quando os raios rasgam o céu. Todos aqueles que veem tais coisas se espantam, e alguns dizem: “é o fim do mundo, a consumação dos séculos que chegou agora!” Eles não sabem nem dizem a verdade: é o grande pesar pela morte de Rolando⁶. (A CANÇÃO, 1988, versos 1412 - 1437).

Outro exemplo que podemos destacar é a convicção íntima de que o herói sente que a morte se aproxima e que precisa realizar todos os gestos e rituais específicos para aquele exato momento. Não há espaço para medos, apenas a convicção de que ele realizou seus feitos da melhor maneira possível e que irá ser para sempre lembrando pelos seus companheiros como um grande guerreiro que lutou até o último momento com toda a valentia, honrando todos os valores e preceitos de um verdadeiro cavaleiro:

Rolando sente que a morte o invade, que lhe desce da cabeça até o coração. Correu para debaixo de um pinheiro e se deitou na relva verde, com o rosto na terra. Debaixo de si, coloca a espada e o olifante. Virou a cabeça para o lado da raça pagã: fez isto porque quer que Carlos diga, e assim todos os demais, que o

⁶ Vers 1412-1437 Mais en France, il y a une merveilleuse tourmente, tempête de tonnerre et de vent, pluie et grêle démesurément, la foudre tombe à coups serrés et répétés, et, en toute vérité, la terre tremble, de Sant-Michel-du-Péril Jusqu'aux Saints, de Besançon jusqu'au port de Wissant. Pas une maison dont les murs ne crèvent ; en plein midi se produisent de grandes ténèbres. Point de clartés, sinon quand les éclairs fendent le ciel. Tous ceux qui voient ces choses s'epouvantent, et certains disent : « C'est la fin du monde, la consommation du siècle qui est maintenant venue ! » Ils ne savent ni ne disent la vérité : c'est le grand deuil pour la mort de Roland ! (LA CHANSON, 1972).

gentil conde morreu como um conquistador. Bate no peito fracamente muitas vezes. Por seus pecados, estende a luva para Deus⁷. (A CANÇÃO, 1988, versos 2355 - 2365).

O ritual de passagem era realizado da seguinte maneira: primeiro o moribundo realizava o lamento da vida, composto por evocações nostálgicas, depois pedia perdão aos companheiros, realizava uma prece declarando a própria culpa ante Deus, e recomendava sua alma aos céus, logo após recebia a extrema-unção e aguardava a morte em silêncio, de forma tranquila e natural com seus familiares. N'A *Canção*, o rito de passagem do cavaleiro é descrito da seguinte maneira:

O conde Rolando está estendido sob um pinheiro; em seguida virou o rosto para a Espanha. Começou a se lembrar de muitas coisas, de todas as terras que conquistou como um valente, da Doce França, dos homens de sua linhagem, de Carlos Magno, seu senhor que o criou. Não pode se impedir de chorar e suspirar. Mas não quer esquecer de si próprio, bate no peito e pede perdão a Deus: "Pai verdadeiro, que nunca mentiste, que ressuscitaste São Lázaro dentre os mortos, que preservaste Daniel dos leões, preserva minha alma de todos os perigos, pelos pecados que cometi em vida!" Ofereceu a luva direita a Deus; São Gabriel pegou-a nas mãos. Sobre o braço mantinha a cabeça inclinada; com as mãos juntas chegou ao seu fim. Deus enviou seu anjo Querubim e São Miguel do Perigo; ao mesmo tempo que os outros veio São Gabriel; levam a alma do conde ao Paraíso⁸. (A CANÇÃO, 1988, versos 2375 - 2396).

A primeira ação de Rolando é lamentar sua vida, evocando tristemente os seres e as coisas amadas, realizando um apanhado de imagens. O protagonista relembra muitos fatos importantes, como as conquistas de várias terras realizadas com valentia, evoca a sua pátria, a *Douce France*, seus companheiros e o amado Rei Carlos Magno, com quem tinha uma relação de afeto familiar e estima. Lamentando, ele chora e suspira. Pensa em si próprio, pede perdão a Deus, e os anjos encaminham a sua alma ao Paraíso.

3. A Bela Morte na Construção do Herói: Remanescências da Antiguidade no Medievo

⁷ Vers 2355-2365 Roland sent que la mort l'envahit, que de sa tête elle lui descend sur le coeur. Jusque sous un pin il est allé courant, et il s'est couché sur l'herbe verte, face contre terre. Sous lui, il met l'épée et l'olifant. Il a tourné sa tête du côté de la race païenne : il a fait cela parce qu'il veut vraiment que Charles dise, et aussi tous les siens, que, le gentil comte, il est mort en conquérant. Il bat sa couple à faibles coups et souvent. Pour ses péchés, il tend vers Dieu son gant. (LA CHANSON, 1972).

⁸ Vers 2375-2396 Le comte Roland est étendu sous un pin; puis il a tourné son visage vers l'Espagne. Il se prit à se souvenir de maintes choses, de tant de terres qu'il a conquises, le vaillant, de douce France, des hommes de son lignage, de Charlemagne, son seigneur, qui l'a nourri. Il ne peut s'empêcher d'en pleurer et d'en soupirer. Mais il ne veut pas se mettre lui-même en oubli, il bat sa coulpe et demande à Dieu pardon : « Vrai père, qui jamais ne mentis, qui ressuscitas saint Lazare d'entre les morts, préserve Daniel des lions, préserve mon âme de tous périls, pour les péchés que j'ai faits dans ma vie ! » Son gant droit il l'a offert à Dieu ; saint Gabriel l'a pris sa main. Sur son bras il tenait sa tête inclinée ; les mains jointes, il est allé à sa fin. Dieu lui a envoyé son ange Chérubin et Saint Michel du Péril ; en même temps qu'eux arriva saint Gabriel ; ils portent l'âme du comte en paradis. (LA CHANSON, 1972).

Em seu trabalho intitulado *Bela morte e o cadáver ultrajado* (1978), Jean-Pierre Vernant discorre sobre o conceito de *bela morte*, referindo-se ao fato de morrer em combate, em campo de batalha com todos os valores de um verdadeiro cavaleiro, dotado de coragem, honra, fé e lealdade. A *bela morte* é gloriosa, é morrer jovem, lutando com o intuito de ter fama, e desse modo permanecer eternizado na memória coletiva. A expressão *bela morte* aparece pela primeira vez nas orações fúnebres a Péricles, constantes na narrativa d'*A Guerra do Peloponeso*, de Tucídides.

Considerando a necessidade de ressignificação de alguns elementos da Antiguidade Clássica presentes na Idade Média, e tomando como base para a referida análise dos elementos remanescentes de uma dada época e cultura noutro período temporal, foi utilizada a Teoria da Residualidade estruturada por Roberto Pontes. Segundo essa teoria, tanto na cultura quanto na literatura não existe nada de novo, mas sim um entrelaçamento de vários elementos de culturas anteriores de diferentes lugares e épocas interagindo de maneira integrada com outras manifestações culturais, como salienta o autor: “Na cultura e na literatura nada é original. Tudo é residual”. (PONTES, 2006, p.1).

A Teoria da Residualidade tem como objetivo detectar e analisar as remanescentes do modo de pensar dos homens de um determinado grupo social, de um período temporal específico noutro período distinto, tendo como base principal a literatura. Dentre alguns conceitos operacionais da Teoria, utilizaremos o de imaginário que, de acordo com o *Dicionário de Conceitos Históricos*:

Significa o conjunto de imagens guardadas no inconsciente coletivo de uma sociedade ou de um grupo social; é o depósito de imagens de memória e imaginação. Ele abarca todas as representações de uma sociedade, toda a experiência humana, coletiva ou individual: as ideias sobre a morte, sobre o futuro, sobre o corpo. Para Gilbert Durant, é um museu mental no qual estão todas as imagens passadas, presentes e as que ainda serão produzidas por dada sociedade. O imaginário é parte do mundo real, do cotidiano, não é algo independente. Na verdade, ele diz respeito diretamente às formas de viver e de pensar de uma sociedade. As imagens que o constituem não são iconográficas, ou seja, não são fotos, filmes, imagens concretas, mas sim figuras de memória, imagens mentais que representam as coisas que temos em nosso cotidiano. (SILVA E SILVA, 2006, p 213-214)

Diante desses fatos, buscamos analisar o conceito de *bela morte* proposto por Vernant tomando-a na análise de dois personagens da *Ilíada*, Aquiles e Heitor e na do conde protagonista da *Canção de Rolando*. A *Ilíada* é considerada um dos maiores épicos da Grécia Antiga e narra os acontecimentos da Guerra de Tróia, criado supostamente pela imaginação de Homero, cuja

existência ainda é uma incógnita. A obra foi provavelmente escrita em meados do século VIII a.C, e é considerada obra inicial da literatura ocidental e da cultura grega. Ambos os poemas exaltam a temática bélica e os acontecimentos históricos.

Nas duas obras há relatos que nos mostram como a influência grega, em relação à preocupação com o funeral e o cadáver, pode ser encontrada na Canção de gesta medieval. Durante o combate entre Heitor e Aquiles, Heitor pede a quem for vencedor do duelo, que respeite o cadáver do derrotado permitindo que tenha um enterro digno. Aquiles vence o duelo, mas não concorda com a súplica de Heitor infamando o cadáver deste:

— Filho de Peleu — disse Heitor —, não fugirei mais de ti. Estou resolvido a terminar esta luta, quer vença, quer seja vencido. Mas quero fazer um acordo contigo. Se eu sair vencedor, levarei tuas armas mas entregarei teu corpo aos guerreiros gregos sem te mutilar nem ultrajar, para que eles te prestem as devidas homenagens. Tu farás o mesmo comigo se saíres vitorioso. Mas Aquiles, franzindo as sobrancelhas, replicou:

—Heitor, bem sabes que me és odioso. Portanto, nada de propostas que não aceito. Assim como não há possibilidade de um acordo entre homens e leões, assim também entre mim e ti não pode haver pactos nem juramentos. Um de nós dois cairá nesta luta e o vencedor há de saciar sua sede de vingança até o fim. Faze um apelo a todas as tuas forças porque não terei piedade nem contemplações. (HOMERO, p.209)

A concepção da *bela morte* não se resume apenas a morrer o guerreiro jovem, belo e valoroso no campo de batalha, mas também em ter um funeral completo e que todos os seus feitos sejam cantados pelos poetas para toda a humanidade. Os antigos gregos acreditavam que a forma física com a qual o homem morria seria eternizada, por isso a importância da beleza da juventude.

Junito Brandão (1986, p. 169-170) tece comentários sobre o mito das idades descrito por Hesíodo. Nesse mito, o mundo era dividido em cinco eras, e em cada uma havia um tipo de humanidade diferente. Os gregos tinham uma noção de vida após a morte, acreditavam no mundo dos mortos, na imortalidade da alma e no destino:

Isto explica, aliás, o destino diferente que aguarda, após a morte, as almas das duas primeiras raças daquelas pertencentes às duas seguintes. Os que nasceram sob a égide do ouro e da prata têm realmente uma promoção post mortem: convertem-se em daímones, "demônios" (intermediários benéficos entre os deuses e os homens). Esses daímones, todavia, agem diferentemente sobre os mortais, tanto quanto se diferenciaram na vida terrestre: os primeiros (da idade de ouro) são os daímones epictônios, quer dizer, continuam a viver e a agir na terra; os segundos (da idade de prata) são os daímones hipocônios, isto é, vivem e agem sob a terra, na outra vida. Ambos são objetos das "honras" que lhes tributam os mortais: "honras" maiores para os primeiros e inferiores para os segundos. Muito diferente é o destino póstumo daqueles que viveram as idades do bronze e dos heróis. Como raça, nenhum deles tem direito a uma promoção. Os da idade de bronze, após perecerem na guerra, convertem-se no Hades em

"mortos anônimos", *nónymoi*. Somente alguns heróis privilegiados conservam, por desígnio de Zeus, um nome e uma existência individual no além: levados para a ilha dos Bem-Aventurados, têm uma vida isenta de preocupações. Apesar desse prêmio, porém, esses heróis privilegiados não são objeto de veneração alguma, nem de culto, por parte dos homens. Contrariamente aos daímones, os heróis carecem de qualquer poder ou influência sobre os vivos. (BRANDÃO, 1986, p. 171).

Voltando a Vernant, este analisou o herói Aquiles para exemplificar esse conceito da *bela morte*. Considerado um semideus, por ser filho de Peleu, um mortal, e da deusa Tétis, Aquiles recebe da mãe o direito de escolha do seu destino. Ela explica ao filho que desde seu nascimento dois destinos lhe foram oferecidos: ele poderia optar entre ter uma vida longa com total ausência de glória e fama, ou uma vida breve e gloriosa, com fama imortalizada. Aquiles não pensou duas vezes e escolheu o segundo destino. Aceitando-o, Aquiles dedicou-se integralmente à guerra, às glórias, aos feitos, aos combates e, conseqüentemente à morte. Em cada batalha pôs a vida em jogo.

Ao escolher uma vida breve, o herói garante a sua glória eterna. Na cultura da antiga Grécia, eternizar-se significava ser reconhecido, honrando, glorificado, ser protagonista de uma gesta, tornando-se um exemplo heroico, admirado por todos, permanecendo assim na cultura e na memória do povo, como enfatiza Vernant:

Ao pé da muralha de Tróia que o viram, desvairado, fugir de Aquiles, Heitor está agora parado. Ele sabe que vai morrer. Atena o enganou; todos os deuses o abandonaram. O destino de morte (*moira*) já se apoderou dele. Mas, se já não pode vencer e sobreviver, depende dele cumprir o que exige, a seus olhos como aos de seus pares, sua condição de guerreiro: transformar sua morte em glória imperecível, fazer do lote comum a todas as criaturas sujeitas ao traspasso um bem que lhe seja próprio e cujo brilho seja eternamente seu. "Não, eu não pretendo morrer sem luta e sem glória (*akleióis*) como também sem algum feito cuja narrativa chegue aos homens por vir (*essoménoisi puthesthai*)" (VERNANT, 1978, p.31).

Semelhante às concepções de valores do herói grego, o conde Rolando também apresenta toda a coragem e valentia no campo de batalha preferindo morrer a pedir ajuda a Carlos Magno e aos outros companheiros, considerando esse ato uma covardia. N'A *Canção de Rolando* podemos observar alguns resíduos daquele imaginário como a preocupação em ser glorioso e ter seus feitos perpetuados através das canções:

Rolando responde: "Que Deus nos conceda! Devemos permanecer aqui por nosso rei. Por seu senhor deve-se sofrer desgraças e suportar o maior calor, o maior frio, deve-se perder o couro e o pêlo. Que cada um se esforce em dar grandes golpes, para que não façam canções maldosas sobre nós! Os pagãos estão no erro e os

crístãos no bom direito. Jamais um mau exemplo virá de mim⁹.” (A CANÇÃO, 1988,versos 994 - 1016).

Tanto Aquiles quanto Rolando eram dotados de personalidade orgulhosa, de muita valentia, não permitia nenhum tipo de afronta ou desonra, a todo momento estavam prontos para o combate. É interessante destacar as remanescências do enaltecimento da *bela morte* e a importância que o ideal heroico exerce em contextos históricos e em gerações bastante distintas:

Olivier diz: “Os pagãos têm uma grande força e nós Franceses parece que somos bem poucos. Companheiro Rolando, tocai então a trompa. Carlos ouvirá e o exército voltará.” Rolando responde: “Isto seria loucura! Na Doce França eu perderia minha fama. Vou imediatamente dar grandes golpes com Durindana: a lâmina ficará ensanguentada até o ouro da guarda¹⁰.” (A CANÇÃO, 1988, versos 1049 - 1058).

Os sinais de sangue, ferimentos, sujeira e todo vestígio de luta corporal conferem ao morto sua valentia. Entretanto, quando se morre velho em campo de batalha, como no caso de Príamo da *Iliada*, os restos mortais são consumidos pelos cães, seus membros e seu sexo são totalmente massacrados e seu cadáver humilhado, como se lê em Homero:

(...) Ó meu Heitor, não esperes por este homem sozinho, sem auxílio de ninguém. Ele é mais forte e não te poupará a vida! Se os deuses o odiassem tanto quanto eu, por certo já estaria servindo de repasto aos cães e abutres. (...) A mim também não faltará quem me tire a vida e me ultraje o cadáver, pois não respeita o inimigo os cabelos brancos da honra senectude (HOMERO, 1991, p. 205).

O fato de morrer jovem confere ao herói uma morte bela e gloriosa, porém quando se trata do inimigo o tratamento dado ao corpo do moribundo é diferente. Tanto na *Iliada* quanto n’A *Canção de Rolando* os corpos dos inimigos são mutilados, desmembrados, desfigurados, tudo isso, para que o cadáver do inimigo não possa ser exaltado e não possam ser cantadas canções em sua homenagem. Em ambas as obras há a preocupação com o corpo dos companheiros para que o inimigo a eles não tenha acesso e nem a chance de ultrajá-los.

⁹ Vers 994-1016 Roland répond : « Que Dieu nous l’octroie ! Nous devons tenir ici pour notre roi. Pou son seigneur, on doit souffrir détresse et endurer le grand chaud, le grand froid, on doit perdre et le cuir et le poil. Que chacun veille à frapper de grands coups, afin qu’on ne fasse pas sur nous de mauvaises chansons ! Les païens ont tort et les chrétiens bon droit. Jamais mauvais exemple ne viendra de moi. » (LA CHANSON,1972).

¹⁰ Vers 1049-1048 Olivier dit: « Les païens sont en force, et nos Français, ce me semble, sont bien peu. Compagnon Roland, sonnez donc de votre cor. Charles l’entendra et l’armée reviendra. » Roland répond : « Ce serait folie ! En douce France j’y perdrais mon renom. Je vais sur-le-champ frapper avec Durendal de grands coups : la lame en sera sanglante jusqu’a l’or de la garde. (LA CHANSON, 1972).

Em voz muito baixa Rolando lhe pediu: “Ah! Gentil senhor, dai-me vossa licença! Nossos companheiros, que nos foram tão caros, estão mortos agora, não devemos abandoná-los. Quero ir procurá-los e reconhecê-los, instalá-los diante de vós e arrumá-los.” O arcebispo diz: “Ide e voltaí! Este campo é vosso, graças a Deus, e meu também¹¹.” (A CANÇÃO, versos 2164 - 2183)

— Aquiles, eu não te pedi que me poupasses a vida, mas peço-te que não entregues meu corpo aos cães para ser mutilado. Meu pai e minha mãe te oferecerão magníficos presentes para que lhes restituas o cadáver do filho. Aceita-os e permite que eles me prestem as honras da fogueira!(HOMERO, P.211)

Domado pelo sentimento de vingança devido à morte de seu companheiro, Aquiles vence Heitor em duelo sangrento e como forma de massacrar o corpo do inimigo, como era de costume, ele age da seguinte maneira:

Aquiles amarrou os pés de Heitor ao seu carro e, chicoteando os cavalos, começou a correr pela planície, arrastando atrás de si o corpo do herói. A bela cabeça de Heitor, antes tão majestosa, ia varrendo o chão com seus cabelos castanhos e cobrindo-se de pó. Assim permitiam os deuses que no seu próprio torrão natal fosse ultrajado o corpo do herói.(HOMERO, 1991,p.211).

Os resíduos guerreiros de ultrajar ritualmente o corpo do inimigo estão presentes n’A *Canção de Rolando*. É o caso do cadáver de Ganelão, traidor do exército francês, responsável pela morte de Rolando e por toda a tristeza e amargura de Carlos Magno, o qual foi julgado por meio de um duelo judiciário, forma de julgamento bastante comum na Idade Média. No duelo, Ganelão é vencido e junto com ele toda a sua família recebe o castigo por sua vilania, traição e a culpa pelas mortes dos Pares de França, conforme o trecho abaixo:

É opinião de todos que Ganelão morra com um terrível suplício. Trazem quatro corcéis, prendem aos cavalos os pés e as mãos do traidor; os cavalos são fogosos e rápidos; quatro servidores os empurram na direção de uma égua que está no meio do campo. Ganelão vai morrer de um terrível fim: todos os seus nervos se distendem e todos os seus membros se separam do corpo; o sangue claro corre na relva verde; Ganelão morreu como um infiel e um covarde. Quando um homem trai outro, não é justo que possa se vangloriar¹² (A CANÇÃO, 1988, versos 3960 - 3974).

¹¹ Vers 2164-2183 A voix très basse Roland l’a prié : « Eh ! gentil seigneur, donnez-moi donc congé ! Nos compagnons, qui nous furent si chers, maintenant ils sont morts, nous ne devons pas les laisser. Je veux aller les chercher et les reconnaître, les installer devant vous et les ranger. » L’archevêque dit : « Allez et revenez ! Ce champ est vôtre, Dieu merci, et mien aussi. » (LA CHANSON, 1972).

¹² Vers 3960-3974 C’est l’avis de tous que Ganelon meure d’un terrible supplice. On amène quatre destriers, on lie aux chevaux les pieds et les mains du traître ; les chevaux sont ardents et rapides, quatre sergents les poussent vers une jument qui est au milieu d’un champ. Ganelon va mourir membres se détachent de son corps ; sur l’herbe verte coule le sang clair ; Ganelon est mort comme un félon et un lâche. Quand un homme en trahit un autre, il n’est pas juste qu’il puisse s’en vanter. (LA CHANSON, 1972).

Essa ação foi praticada como maneira de inibir uma morte gloriosa e as possíveis canções sobre os feitos heroicos do morto nas batalhas.

A forma como o corpo é cuidado e todo o processo funerário habitual são práticas respeitáveis na Antiguidade Clássica. Na *História da guerra do Peloponeso*, de Tucídides, é possível observar toda a importância que o ritual sepulcral exerce na sociedade daquela época:

A cerimônia consiste no seguinte: os ossos dos defuntos são expostos num catafalco durante três dias, sob um toldo próprio para isto, e os habitantes trazem para os seus mortos as oferendas desejadas; no dia do funeral ataúdes de cipreste são trazidos em carretas, um para cada tribo, e os ossos de cada um são postos no ataúde de sua tribo; um ataúde vazio, coberto por um pálido, também é levado em procissão, reservado aos desaparecidos cujos cadáveres não foram encontrados para o sepultamento. Todos os que desejam, cidadãos ou estrangeiros, podem participar da procissão fúnebre, e as mulheres das famílias dos defuntos também comparecem e fazem lamentações; os ataúdes são postos no mausoléu oficial, situado no subúrbio mais belo da cidade"; lá são sempre sepultados os mortos em guerra, à exceção dos que tomaram em Maratona que, por seus méritos excepcionais, foram enterrados no próprio local da batalha. Após o enterro dos restos mortais, um cidadão escolhido pela cidade, considerado o mais qualificado em termos de inteligência e tido na mais alta estima pública, pronuncia um elogio adequado em honra dos defuntos. Depois disso o povo se retira. São assim os funerais e durante toda a guerra, sempre que havia oportunidade, esse costume era observado. (TUCÍDIDES, 2011,p.107)

No rito fúnebre de Homero a preparação do corpo começa com a limpeza das feridas com água morna, depois com a aspensão de óleo na pele para ficar brilhante, e de perfume, logo após o corpo é envolvido com tecidos finos, queimado e, por fim, separado os ossos das cinzas:

Depois recolhemos os ossos e as cinzas de Pátrocolo numa urna de ouro. Para não haver engano, lembra-te de que ele ficou no centro da fogueira. Nessa mesma urna quero que mais tarde guardem meus ossos, quando meu destino se tiver cumprido. Quanto ao túmulo, não é necessário fazer coisa monumental. (HOMERO, p.219)

E no décimo-oitavo dia os gregos queimaram o corpo de Aquiles em alta pira com jarras de óleo e mel. No dia seguinte, tiraram seus ossos das cinzas e os colocaram numa urna, dada por Vulcano a Tétis. E nesta urna puseram também os ossos de Pátrocolo e nele erigiram, como Aquiles lhes pedira, imponente sepultura. (HOMERO, p.235)

O cadáver não é apenas um corpo sem essência vital, sendo considerado meio e objeto de transmutação do corpo através do próprio corpo. Por isso a importância da realização dos ritos funerários. O corpo passa por uma mudança de estado na qual sai do plano físico para o espiritual, porém, sua existência continua através dos tempos por meio das canções e dos poemas épicos que imortalizam o nome e a fama do herói eternizando-o na memória coletiva. Podemos observar o afirmado no excerto abaixo:

De fato, deram-lhe suas vidas para o bem comum e, assim fazendo, ganharam o louvor imperecível e o túmulo mais insigne, não aquele em que estão sepultados, mas aquele no qual a sua glória sobrevive lembrada para sempre, celebrada em toda ocasião propícia à manifestação das palavras e dos atos. Com efeito, a terra inteira é o túmulo dos homens valorosos, e não é somente o epitáfio nos mausoléus erigidos em suas cidades que lhes presta homenagem, mas há igualmente em terra além das suas, em cada pessoa, uma reminiscência não escrita, gravada no pensamento e não em coisas materiais (TUCÍDIDES, 2001, p.111).

Considerações Finais

No decorrer da referida análise constatamos alguns pressupostos da Teoria da Residualidade com base na análise de duas obras literárias de grande importância e alto valor poético literário. Situadas em contexto histórico, social e cultural distintos, tanto a *Iliada* quanto *A Canção de Rolando*, guardam valores e imaginários que dialogam entre si. Ao abordar as representações da morte e o conceito de *bela morte* na perspectiva residual, aplicada aos dois textos, observamos que a temática é vasta e as possibilidades de abordagem e aprofundamento para novos estudos são patententes.

A importância do rito fúnebre e a preocupação com o cadáver nos revelam que os antigos gregos tratavam o corpo como um templo divino responsável pela metamorfose do plano físico para o espiritual. Acreditavam que somente através de um cadáver bem conservado e devidamente preparado era possível ser realizada a devida transição. Ao herói, para ter uma bela morte, não era necessário apenas morrer jovem em campo de batalha, mas ter seu cadáver resguardado de todo e qualquer tipo de ultraje.

A literatura, como base fundamental para os estudos residuais, assim como as demais manifestações artísticas, não consegue ser e nem se desenvolver no isolamento; necessita de interação com o mundo e com os diferentes povos e culturas; nela, as experiências devem ser compartilhadas e disseminadas.

REFERÊNCIAS

A *CANÇÃO DE ROLANDO*. Tradução, notas e prefácio de Lígia Vassalo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, vol. 1. Petrópolis, Vozes, 3v, 1986.

COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Ed. Américas S.A.- EDAMERIS, 1961.

HOMERO. *A Ilíada*. Editora Paumape S.A (trad.). São Paulo: Paumape, 1991.

KÖHLER, E., Quelques observations d'ordre historico-sociologique sur les rapports entre la chanson de geste et le roman courtois. *Studia romanica*, 4: *Chanson de geste und höfischer roman*, Heidelberg, C. Winter, 1963.

LE GOFF, Jacques. *Uma História do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques. Além. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial, 2002.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Trad. José Rivair de Macedo. Bauru-SP: Edusc, 2005. Coleção História.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, volume II.

LA CHANSON DE ROLAND. Col. Nouveaux Classiques Larousse, 2v. Paris: Larousse, 1972.

PONTES, Roberto. *Lindes Disciplinares da Teoria da Residualidade*. Fortaleza: (digitado), 2006.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. "Imaginário". In: *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 213-218.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mário Gama Kury; 4ª ed. Brasília: Editora UNB, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. Trad. Elisa A. Kossovitch e João. A. Hansen. *Discurso*, São Paulo, n. 9, p. 31-62, 1978.

VINAVER, E., *À la recherche d'une poétique médiévale*. Paris: Nizet, 1970.

VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Eds.). *A morte na Idade Média*. São Paulo: EDUSP, 1996.

ZINK, M., *Littérature française du Moyen Âge*. Paris: PUF, 1992.

Recebido em: 05/11/2019

Aprovado em: 17/03/2020

Publicado em: 12/06/2020